

**Dora Longo Bahía.**

José Roca: En tu trabajo has incluido manifestaciones culturales marginales, mezclando referencias populares y eruditas. ¿Crees que en arte hay un "afuera" y un "adentro"? En caso afirmativo, ¿cómo establecer puentes, mezclas, contaminaciones?

Dora Longo Bahía: Não acredito que haja "fora" ou "dentro". Já está tudo contaminado.

JR: Es cierto, aunque la cultura de la calle no es la misma del medio artístico, así haya cruces. ¿Podrías hablar de tu proyecto de radio para la Bienal?

DLB: Quero fazer 7 programas de rádio de 30 minutos, veiculados, se possível na frequência AM, com "entrevistas musicais" feitas por minha banda OsMacaco com alguns dos participantes da Bienal. A Rádio Macaco seria uma sessão de improvisos, experimentações, desvios, como acontece nos bastidores de um ensaio de rock. Fizemos a proposta para a rádio Eldorado AM, que é uma das rádios de maior alcance do Brasil, mas a diretora artística refutou a idéia porque, segundo ela, tanto a Eldorado AM quanto a FM, "falam para um público adulto classe A e B". Fiquei chateada por ter sido chamada de retardada, mas fiquei desapontada, principalmente, com a posição preconceituosa e elitista da diretora artística da Eldorado. Como, hoje em dia, num país como o Brasil, uma grande rádio não tem vergonha de falar, exclusivamente, para as classes A e B?

JR: Sobre todo la radio, que es, al menos en su difusión, un medio más democrático y de mayor penetración potencial. Lo interesante de la radio es que obliga a formarse una imagen mental, a *imaginar*, en su sentido etimológico. En tu trabajo pictórico tomas imágenes que están ancladas en la memoria colectiva, es decir, presentes aunque imprecisas, y a pesar de que las materializas, mantienes un grado de indeterminación y ambigüedad. ¿Quisieras referirte al proceso que conduce a tus "escalpos"?

DLB: Os escalpos são uma série de pinturas "sem carne". Arranco a película de tinta de seu suporte original e aplico-a sobre um outro lugar: uma parede, uma página de jornal, um tapume de madeira, uma placa de cimento, um

pedaço de papelão, ou, no caso da bienal, o chão. Escolho imagens paradigmáticas de lugares controversos, tiradas de cartões postais, jornais ou livros, que são amassadas e mutiladas ao serem arrancadas e reaplicadas sobre outro corpo. Quero que a pintura revele a perversidade da fascinação pela imagem, pela aparência, pelo espetáculo.

JR: Lo que sucedió con Eldorado es indicativo que, efectivamente, hay claras estratificaciones sociales inclusive en el medio de la cultura, que se supone es más abierto y tolerante. ¿Tiene el arte alguna posibilidad de romper así sea mínimamente esta situación, o a lo máximo que puede aspirar es a *señalar*? ¿Cuál es el margen de agencia política del arte?

DLB: É, infelizmente o mundo está cheio de preconceitos e ignorância. Não sei se a arte pode acabar com essa situação, já que ela sempre se relacionou amigavelmente com os sistemas de poder... Mas, acredito que toda arte é uma ação política (política definida como a arte de lidar com a cidade [do grego politikê: *tékhne* {arte } e *polis* {cidade}], agir sobre a sociedade, questionar paradigmas, sinalizar novas formas de organização, preconizar mudanças).

Considero a arte política mesmo quando o artista que a produz reivindica uma posição apolítica, já que sua obra é difundida pelo espaço público, interferindo nas ações, no comportamento e nas crenças da comunidade, e conectando memória e porvir, sujeito e objeto, situação e existência. Acho que, da mesma forma que um governante, um cientista, um professor ou um religioso, o artista é responsável tanto por sua obra quanto por suas implicações públicas, e deve estar ciente de suas articulações com as instituições de poder, sejam elas, o Estado, a mídia ou o poder econômico privado, representado pelos colecionadores e investidores. Um artista que reivindica uma posição de silêncio político é, no mínimo ingênuo, para não dizer, no caso de ignorância voluntária, perigoso, ou mesmo, criminoso.

JR: Has dicho que estás interesada en el error; ¿podrías complementar?

DLB: O erro é como uma fenda. Abre novas possibilidades, novas maneiras de olhar.